

Augusto de Campos

Ao longo de três edições da RE-VISÃO DE SOUSÂNDRADE, por quase quatro décadas, de 1964 a 2002, Haroldo de Campos e eu elaboramos e aperfeiçoamos um Índice Anotado do “Inferno de Wall Street” — episódio onde são mais densas, numerosas e complexas as referências de *O Guesa*, de Sousândrade. Embora os seus verbetes sejam passíveis de correções, acréscimos e esclarecimentos de rastreadores subsequentes, faz-se ainda indispensável a consulta a esse glossário, o mais amplo até agora organizado, e que — trabalho de muitos anos, sem qualquer apoio institucional — por si só oferece um leque básico, ordenado e substancial das crípticas alusões do “Inferno de Wall Street”, o que aliás facilita enormemente a tarefa dos pesquisadores de agora, por vezes tão arrogantes quanto avaros em creditar os achados e conquistas dos que os precederam. Entre outras vicissitudes, quando elaboramos o nosso índice não se possuíam as facilidades que nos proporciona hoje a informação digital, que além de fornecer crescentemente mais minuciosos dados sobre as personagens e fatos dos tempos do poeta, viabiliza consultas especiais como as de coleções dos jornais norte-americanos da época em que Sousândrade escreveu muitos dos seus textos. Esses periódicos lhe forneceram vasto material para o seu “Inferno”. Na introdução, “Memorabilia” (1877), à edição nova-iorquina o poeta advertia que, nesse episódio, “conservou nomes próprios tirados à maior parte de jornais de Nova York e sob a impressão que produziam.” Portanto, além da identificação dos nomes, toponímicos e personagens, haverá ainda que buscar nessas fontes a matriz das colagens epigramáticas de Sousândrade.

Sem pretender investir mais dilatados esforços no âmbito da pesquisa — o que não se pode presumir quer da minha avançada idade quer da minha atuação como poeta e “desespecialista” em tudo — nem diminuir o mérito daqueles que a exercitam, experimentei investigar na Internet alguns nomes que figuraram com um ponto de interrogação em nosso glossário por serem inencontráveis nos dicionários e enciclopédias e na documentação razoavelmente disponível no universo da informação pré-digital. A colheita foi boa. E está à disposição dos “escolistas do futuro” (para adotar uma expressão de Haroldo)...

Este é o caso dos verbetes Donahue(s): 8/4, 39: ? e McCauley, Jerry: 92: ? [primeiros números indicando a estrofe, os segundos a linha]. Eis que na internet me aparecem várias informações sobre os dois nomes.

Barney J. Donahue foi o líder dos grevistas ferroviários em Hornellsville, NY, e um dos principais protagonistas da chamada Grande Greve, ocorrida em 1877. Preso em julho desse ano e processado pela Erie Railway Company, foi visitado na prisão por Arthur Schwab, líder comunista, referido também no “Inferno de Wall Street”. Nos jornais americanos encontram-se até numerosas notícias sobre o processo judicial movido contra Donahue, presidido, curiosamente, por um magistrado quase homônimo, Donohue.

8

(RMO. BEECHER pregando :)

— Só Tennyson, só, só Longfellow,
S'inspiram na boa moral :
 Não *strikers* Arthurs,
 Donahues,
Nem Byron João, nem Juvenal!

39

(MACDONALD, SCHWAB, DONAHUE; *Freeloves-CALIFORNIAS* e *Pickpockets* pela universal revolução :)

— De asfalto o ar está carregado !
== Hurákan ! o raio ora cai !
 — Canículo mês,
 De uma vez,
Vasto *Storm-god* em *Fourth-July* !

Jerry McCauley (1832, Irlanda -1884, Nova York) foi o fundador da Water Street Mission, a primeira instituição de reabilitação nova-iorquina, em 1872. Enviado muito jovem para Nova York, aos cuidados de parentes, levou uma vida marginal de furtos e roubos e passou sete anos em Sing Sing, de 1857 a 1864. Convertido ao cristianismo, iniciou as atividades que o assinalaram como pioneiro das Missões de Recuperação. O edifício onde a Water Street Mission foi instalado tinha sido o local de um salão de danças (daí, a leitura de Sousândrade: “transforma pagodes em templo cristão”). De outro lado, confronta-o o pastor radical Octavius B. Frothingham (1822-1895), já identificado em nosso glossário. De 1875 a 1879, Frothingham, depois de várias iniciativas heterodoxas com vistas a criar uma “free religion”, passou a pregar para grande público no Templo Maçônico, esquina da rua 23 com a Sexta Avenida. Orador famoso em sua época, negava a

divindade de Cristo e questionava os dogmas do Cristianismo .Vários dos seus sermões podem ser lidos na Internet, na reprodução microfilmada de livros como “The Religion of Humanity” e “The Setting Faith and Olher Discourses”, publicados em Nova York, em 1873 e 1878. Num deles, se não em algum jornal nova-iorquino, há de estar a frase pinçada por Sousândrade, “Christ would not suit our times”... Na ideogramatização das disputas e quezílias religiosas, Sousândrade mostra-se mais uma vez atual...

92

(Maus-pecadores bons-apóstolos, iluminados às crenças de remissão e ressurreição dos mortos, vendo JERRY McCAULAY e revendo FROTHINGHAM no ‘*Christ would not suit our times*’ :)

— *Peccavi* diz um, e transforma
Pagodes em templo cristão;
Num templo o outro: cruz
Com Jesus!
‘Cristianismo é superstição!

Passo a outros termos do “Inferno de Wall Street”, deixados sob interrogação em nossas edições da RE-VISÃO, agora elucidados pelas consultas aos jornais da época.

A estrofe 72 é uma das mais herméticas do episódio, trazendo em seu bojo aquele misterioso “Gil-engendra em gil-rouxinol”. À falta de qualquer explicação plausível, tive a idéia de enviá-la a Caetano Veloso, então no exílio em Londres, e assim nasceu a bela canção “Gilberto Gil Misterioso”, com a qual homenageou o seu famoso companheiro musical no CD *Araçá Azul*.

72

(W. CHILDS, A.M., elegiando sobre o filho de SARAH-STEVENS:)

— Por sobre o fraco a morte esvoaça...
Chicago em chama, em chama Boston.
De amor Hell-Gate é esta frol...
Que John Caracol,
Chuva e sol,
Gil-engendra em gil-rouxinol.
Civilização...ão!...*Court-hall!*

W. Childs A.M., ou seja George William Childs (1829-1894), já fora apontado no glossário como o proprietário e diretor do jornal “Public Ledger”, que começou a ser publicado em 1864. Dados mais precisos podem agora ser acrescidos ao verbete. Amigo do Presidente Grant, homenageou-o durante a Exposição de Filadélfia, em 1876, com uma recepção que contou com a presença de D. Pedro II. O jornalista e filantropo gostava

também de escrever versos. Foi criticado por Mark Twain no artigo “Post Mortem Poetry”, publicado em junho de 1870 no mensário *The Galaxy*, pela mania de inscrever epitáfios para crianças cujo passamento era registrado em seu jornal, vários deles simplesmente repetidos com alteração do nome do falecido, o que Twain apodava de “a poesia mortuária de Filadélfia”. Publicações da época tratavam Childs, desdenhosamente, de “bardo obituário”. Numa nota do jornal nova-iorquino *The Sun*, de 16 de maio de 1876, intitulada “A Exposição Centenária de Caixões”, ele fora ridicularizado como “o arquifamoso bardo da mortalha e do sarcófago G. Washington Childs A.M.”, a cuja poesia bem se ajustaria um grande e lustroso conjunto de esquifes de manufatura nacional que integrava a Exposição Internacional da Filadélfia, inaugurada em 10 de maio daquele ano. Na mesma pauta, Sousândrade o ironiza, provavelmente instigado pela antipatia que lhe provocava a proximidade do abastado empresário com Grant e Pedro II. Não foi possível apurar se realmente existiram os versos ao “filho de Sarah Stevens”. O mesmo *The Sun* (13 de maio de 1876) estampara os versinhos de adeus que Childs dedicou a D. Pedro II, e que dão uma boa medida de sua “poesia”:

Dearest Pedro thou hast left us
We thy lost shall long deplore,
But, perhaps we will meet next winter
On Brazil's imperial shore.

Sousândrade há de tê-los lido com desprezo.

Sarah Stevens pode agora ser identificada. Vários jornais americanos, entre os quais, *The Brooklyn Daily Eagle*, de Nova York, noticiaram um estranho evento ocorrido em 10 de maio de 1876, dia da abertura da Exposição Universal de Filadélfia. Uma jovem mulher, de nome Sarah Stevens, apresentou-se às autoridades dizendo-se culpada de infanticídio. Com o auxílio da mãe matara e queimara um nascituro, seu filho natural, há alguns anos. Não suportando mais o remorso, decidira confessar o crime e queria pagar por ele. Não se chegou a comprovar a veracidade dos fatos, julgando alguns que se tratava de uma doente mental.

Hell Gate de amor é esta flor... — diz a linha sousandradina, assim rearticulada, para melhor compreensão. O estreito marítimo da ilha de Manhattan, a que derem nome de *Hell Gate*, Portão do Inferno, por provocar naufrágios e tragédias com as suas rochas, foi objeto de mais de uma tentativa de desobstrução. Em 24 de setembro de 1876 perfez-se a mais bem sucedida explosão submarina, oficialmente programada, para remover o bloco rochoso. Sousândrade associa as personagens e os fatos, em bruscas elipses, aos incêndios

de Chicago e Boston, ocorridos em 1871 e 1872. *Court-Hall* tem a ver com o apelo da auto-acusada à Corte de Justiça.

Inclino-me a acreditar que o vocábulo *gil*, que também aparece no composto “gil-Jam”, na estrofe 123, referido ao jornalista James Gordon Bennet, tem o seu significado ligado à idéia de *astúcia, esperteza*, como consignam alguns raros dicionários.

Assim, em resumo, eu avançaria a seguinte hipótese exegética para a estrofe. Sousândrade alude a uma suposta elegia do “bardo funerário” W. Childs dedicada ao infanticídio confesso de Sarah Stevens. Para aumentar a irrisão, cita o autor, como o faziam os seus detratores, com o seu título universitário, A.M. (Artium Magister). *Por sobre o fraco (a criança queimada) a morte esvoaça*. A tragédia lhe evoca os incêndios de Chicago e Boston. A vítima é uma flor do amor ilícito (“de amor é esta fro!”), que ele compara ao “Hell Gate”, título do mortífero estreito marítimo de Nova York, explodido em 1876. Essa flor serviria de nutrimento a um “John Caracol” (um caracol qualquer), que, por sua vez, nutriria uma ave canora. Ou seja, a natureza (“chuva e sol”) engendraria a redenção dessa flor pecaminosa, transferindo-a ao ágil rouxinol. A metamorfose não é estranha à tradição mitopoética — lembre-se a fábula ovidiana de Procne e Tereu. A última linha — onde, na versão nova-iorquina de 1877 aquele “ãõ“ é grafado como uma interjeição (“Civilização... ham! *Court hall!*”) — é um lamento irônico sobre o estado da civilização, cujo progresso conflita com a barbárie do abominável crime contra a natureza, a clamar por justiça. A melhor leitura aqui me parece ser mesmo “ham!”, correspondendo à interjeição inglesa “hmm”, denotativa de reflexão ou hesitação. Recorde-se, como pano de fundo, que o tema do amor livre (“free love“), ardorosamente defendido por Victoria Woodhull, outra personagem sousandradina, agitou sobremaneira os meios políticos novaiorquinos nos anos 1870 e é visitado mais de uma vez no *Inferno de Wall Street*.

Aquele “linchado luisiano negro C. Atkinson”, a quem se dirige na Estrofe 27 uma “white-girl” de “five years”, também foi notícia.

27

(*White-girl-five-years* ao linchado luisiano negro C. ATKINSON:)

— Comer pomo edêneo (má fruta)
É morte e o paraíso perder!
Nem mais Katy-Dids
Nas vides
Ouvir do inocente viver.

Vários jornais relataram que, no dia 27 de novembro de 1875, um jovem negro, chamado Charles Atkinson, acusado de ter estuprado uma menina branca de 5 anos, foi, depois de preso, arrancado da custódia, e enforcado em uma árvore, em Franklyn, Lousianna. Sousândrade também registra a notícia, em sua colcha de retalhos “infernal”. Mas o fato tê-la convertido na linguagem sintética, verso-ideogramática, de sua poesia faz uma enorme diferença em relação aos precedentes literários do poeta. Evidencia-se a importância que ele atribuía ao simultaneísmo da proposta visual do jornal moderno, antecipando-se à atenção concedida a essa linguagem por Mallarmé, que, de outra forma, a recodificaria poeticamente em 1897 na sublimação visual de “Um Lance de Dados”. Sousândrade já a teria assimilado frontalmente, à sua maneira, com a singular estratégia de suas metonímias e elipses, equivalentes a técnicas de colagem e montagem literárias.

Tudo indica que outro nome, Joannes-Theodorus-Golhemus (Estrofe 10) que o nosso glossário deu, a partir do próprio texto, como “um pregador”, seja Johann Theodorus Polhemus, grafado Golhemus por erro do poeta ou do tipógrafo.

10

(JOANNES-THEODORUS-GOLHEMUS pregando em BROOKLYN:)

— Rochedo de New Marlborough!
Gruta de Mammoth! a Mormão
Palrar antes foras!
Desdouras
Púlpito ond' pregou Maranhão!

Johann Theodorus Polhemus é o nome de um pastor protestante, nascido em 1598 na Baviera, Alemanha, que veio ao Brasil em 1635 trazido pela Companhia das Índias Ocidentais para exercer o seu ministério em Pernambuco. Com a derrota dos holandeses foi enviado a Long Island (Nova York), onde faleceu em 1676. Tornara-se, em 1667, “o primeiro pregador da fé reformista em Brooklyn”, de acordo com a matéria “Presbyterian Missions”, sobre a história do presbiterianismo nos EE.UU, inserida no jornal *The Brooklyn Daily Eagle*, de 29 de maio de 1876. Não teria sido essa a fonte de Sousândrade? As datas combinam, porque se trata de uma das primeiras estrofes do “Inferno”, publicadas na edição nova-iorquina de 1877. A evocação de Polhemus no jornal de Brooklyn vem de um ministro presbiteriano brasileiro, de nome Chamberlain, então em Nova York, e isso nos leva a outra estrofe do “Inferno” onde ele parece adequar-se à alusão sousandradina que ali se encontra:

(Pan-Presbiterianos chamberlainisando:)

— Íncuba mulher do Cordeiro !
 Sinagoga de Satanás
 'Sposa apocalíptica,
 Breck'nrídgica
 A corte Herr Galante vos faz !

Na mesma página daquele jornal há uma notícia sobre um sermão proferido pelo pastor Rev. Dr. Breckenridge, de Missouri. Dois dias antes, nas páginas desse periódico, saíra, sob o título “Presbyterian - Meeting of the General Assembly”, a notícia de que Breckenridge, em inflamado discurso, acusava de apostasia a igreja católica, culpada de idolatria pelo culto à Virgem Maria e aos santos, concluindo que ela não podia ser considerada uma igreja cristã. O adjetivo “breck'nrídgica” refere-se, como fica evidente, ao pastor W. L. Breckenridge, de Missouri, como é citado, com o nome mais completo, em outras notícias. Tem tanto a ver com o homônimo, vice-presidente dos EE.UU — hipótese aventada em nosso glossário —, como aquele “chamberlainisando” com o famoso político inglês... A metralhadora giratória da intertextualidade sousandrada é difícil de acompanhar... Mas revela mais coerência do que aparenta. “Papers explain”, os jornais explicam, como está na estrofe 150:

(ROSEMAN lendo cristianíssimos *personals* e aplicando a “low people, low punishment” :)

— ‘*Papers explain. Certainly, though terrible*’ . . .
 Ciência heráldea, ‘*paradise lost*’ . . .
 A ‘*purring match*’ !
 And lash! and lash!
 Chinois-Bennett à ‘*whipping post*’! . .

Já me ocupei dessa estrofe no estudo “Ecos do Inferno de Wall Street”, incluído na 3a edição da RE-VISÃO, para elucidar parte da estrofe, que ideogramatiza um escandaloso e pitoresco incidente ocorrido em 3 de janeiro de 1877. Nesse dia, James Gordon Bennet, o jovem diretor do jornal *The New York Herald*, foi agredido a chicotadas, porque, na passagem do ano, embriagado, havia urinado num vaso chinês na casa do pai de sua noiva... O agressor, Frederick May, era o irmão da prometida, cujo casamento chegara a ser anunciado pelo *The Sun* para o dia 2 de janeiro, sem se haver concretizado. Seguiu-se um duelo, com um possível ferimento infligido a May, sem maiores consequências. Mas aquele Roseman continua uma interrogação...

Bennet parece ser um dos bodes expiatórios de Sousândrade. Na estrofe 123, é ameaçado por um certo Marwood, de ser enforcado como o foi Charles J. Guiteau, em 30 de Junho de 1882, pelo assassinato do presidente Garfield. William Marwood (1820-1883), não identificado em nosso glossário, foi um carrasco oficial inglês, conhecido à época como especialista em enforcamentos.

123

(HALL-HALL comendo o enxofre de SODOMA ; MARWOOD
torcendo os bigodes :)

— Estomacal . . . até que sonhas
Com ‘Lot’ e os ‘anjos’, ou Abraão !
== Ou Jam’-Benne’-Gord’,
A quem corda
De Guiteau espera ! . . ah ! gil-Jam’ !

E não seria interessante saber, por exemplo, de quem são as palavras “Et tout le genre humain est l’abîme de l’homme.” [E toda a espécie humana é o abismo do homem], citadas na introdução da estrofe 163, assim como aquele duvidoso “l’ombre accablat”, que se duplica na estrofe anterior? Pertencem à *Légende des Siècles* de Victor Hugo. A internet, com a sua profusa indexação de citações, me facilitou também estes achados.

162

(*Panaché* FIGARO aos sons do *piston-vainqueur*, às ímpias navalhas afiando, fazendo a bárbaros
PROFETAS e chinó às religiosas de claustro e ‘drástico’:)

— Cara de sopas da Madalena,
L’ombre accablat! l’ombre accablat!
Eh, teu ‘*Dieu drôle!*’
Sha-casserole
Cria e repúblicas *des toits!* . . . ah ! ah ! . .

163

(*Et tout le genre humain est l’abîme de l’homme*, um argueiro cego entre mil grand’olhos cavaleiros;
bombardeio nos consolidados mundos:)

— Oh, Ciclones! Typhons! soçobrem
Naus e aldeias! ruge, Simoun!
= Rev’lução hedionda
Que estronda
De Fígaro às... *noces*, bum, bum !

Ambas as citações são de textos poemáticos que integram a terceira e última série da *Légende des Siècles* (1859-1883) — o seu Tomo V, publicado em 9 de junho de 1883 —, inseridos

também na edição definitiva, de setembro de 1883, que reorganizou e reuniu todas as séries da epopéia hugoana. Portanto, não antes dessa época redigiu Sousândrade as duas estrofes, próximas da conclusão do “Inferno de Wall Street”. A data coincide com um período em que Sousândrade esteve em Paris (entre setembro e dezembro de 1883, segundo Carlos Torres-Marchal). Curioso observar a liberdade com que Sousândrade retira o alexandrino de sua pomposidade retórica para inseri-lo, sob a figura de metonímia, em lugar do nome de Victor Hugo, o personagem que impreca, ”argueiro cego entre mil grand'olhos cavaleiros”, e ameaça, indignado, a humanidade com ciclones, tufões, revoluções e bombardeios. Assim se inicia o texto de Hugo:

Je ne me sentais plus vivant; je me retrouve,
Je marche, je revois le but sacré. J'éprouve
Le vertige divin, joyeux, épouvanté,
Des doutes convergeant tous vers la vérité ;
Pourtant je hais le dogme, un dogme c'est un cloître.
Je sens le sombre amour des précipices croître
Dans mon sauvage cœur, saignant, blessé, banni,
Calme, et de plus en plus épars dans l'infini.
Si j'abaisse les yeux, si je regarde l'ombre,
Je sens en moi, devant les supplices sans nombre,
Les bourreaux, les tyrans, grandir à chaque pas
Une indignation qui ne m'endurcit pas,
Car s'indigner de tout, c'est tout aimer en somme,
Et tout le genre humain est l'abîme de l'homme.

.....

Na estrofe 162, o sintagma “l'ombre accablat, l'ombre accablat” prelude e reforça a invocação hugoana. Provém das primeiras linhas do poema “Aux Rois”, pertencente ao ciclo *Le Cercle des Tyrans*:

AUX ROIS

I

Est-ce que vous croyez que nous qui sommes là
Nous que de tout son poids toujours l'ombre accabla,
Nous le noir genre humain farouche, nous la plèbe,
Nous, les forçats du sol, les captifs de la glèbe,
Nous qui, de lassitude expirants, n'avons droit
Qu'a la faim, à la soif, à l'indigence, au froid,
Qui, tués de travail, agonisons pour vivre,
Nous qu'à force d'horreur le destin sombre enivre;
Est-ce que vous croyez que nous vous aimons, vous!
Nous vassaux, vous les rois! nous moutons, vous les loups?

.....

“L'ombre accabla”, certamente, não “l'ombre accablat”. Como Pound, Sousândrade não era muito cuidadoso na transcrição vocabular dos muitos idiomas que utilizava em seu poema. Ou seria quem sabe um erro da impressão londrina? De todo modo, a hipótese de um “accablat”, assim grafado na edição, e que corretamente se deveria escrever “accablât”, se usado na forma condicional, não parece prevalecer diante dessa revelação. Uma dúvida surge em torno daquele “*piston-vainqueur*” que aparece em itálico na introdução à estrofe 162. É que a expressão está numa quadra do poema “Chevaux de bois”, de Paul Verlaine, incluído em *Romances sans Paroles* (1874).

Tournez, tournez, chevaux de leur cœur,
Tandis qu'autour de tous vos tournois
Clignote l'œil du filou sournois,
Tournez au son du piston vainqueur.

Sousândrade não o teria lido?

Não é ainda o suficiente para a total decifração dos criptogramas poéticos sousandrados. Mas lança mais alguma luz sobre eles. Assim como Pound, na compressão ideográfica de seus Cantos, faz microcitações que remetem a origens mais complexas — a exemplo de “ongla, ongle” (Canto VI) e “es laissa cader” (Canto CXVII), estilhaços de canções dos trovadores medievais Arnaut Daniel e Bernart de Ventadorn referidos ao contexto da poesia provençal, altamente considerada no elenco de seus vetores culturais — assim também os fragmentos mínimos de Sousândrade, como pontas de um iceberg literário, ocultam um painel mais amplo de referências, que cabe desvendar. No caso, Victor Hugo integra o panteão dos caracteres positivos do seu poema, enquanto simboliza o espírito republicano, a crítica moral da sociedade humana e a aspiração da liberdade, para além dos impérios, reinados e tiranias.

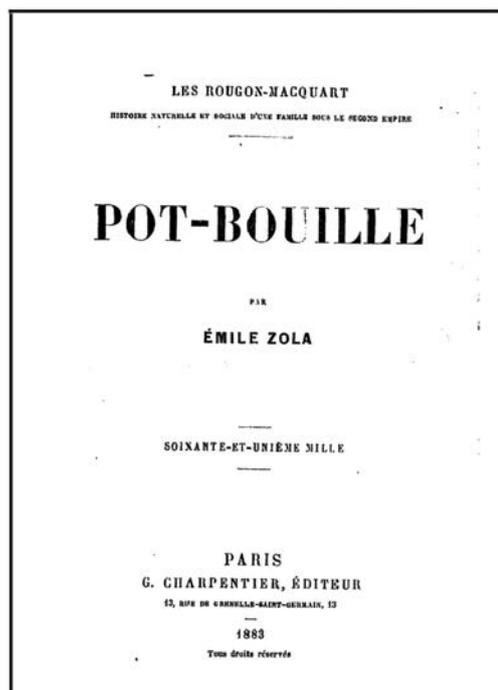
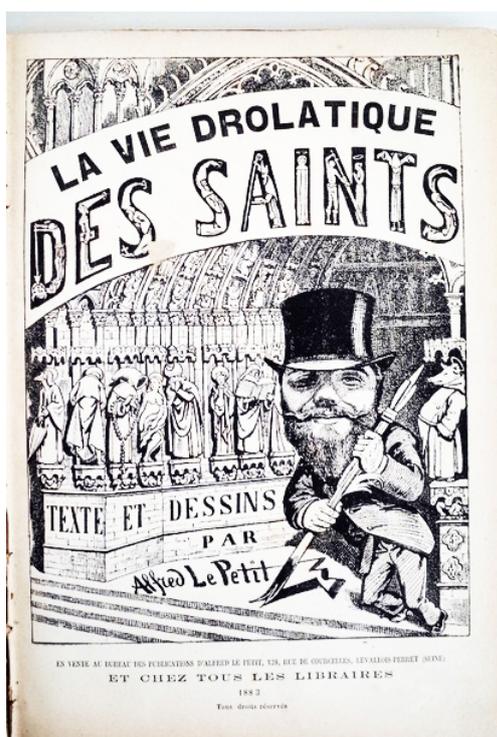
Na estrofe 166, o glossário aventava a hipótese de que a referência a uma “vie drolatique” poderia constituir uma fusão de dois títulos: *Vie de Jésus* (1863), de Renan, e *Les Contes Drolatiques* (1832) de Balzac, como pareceria sugerir o texto.

166

(‘*Vie drolatique*’ de . . . RENAN ; ZOLA realista :)

— As ‘*grosses*’ grossas mães ‘Dianas’
Crêem *suas* filhas ricas beber
‘O copo de sangue’ . . . a Carnata!
A Tontata!
= Que sângueos ‘POTS-BOUILLES’ a crer !

Mas o menos conhecido *La Vie Drolatique des Saints*, publicado em Paris, em 1883, livro de caricaturas e textos anticlericais de Alfred Le Petit (1841-1909), expoente do jornalismo satírico republicano, aponta para outra fonte mais próxima da redação do poema, pela data em que veio à luz. Ao lado de sua biografia e outras informações, a Internet divulga a capa provocativa e várias das ilustrações do livro, que certamente há de ter chamado a atenção em sua época. Victor Hugo é um de seus heróis e Napoleão III um de seus vilões. O texto faz clara alusão ao romance de Émile Zola, *Pot-Bouille* (título que se poderia traduzir por “bóia” ou “rango”), publicado em Paris, em 1883, conforme assinalamos em nosso glossário. A expressão “grosse” adjetivando matronas, aparece mais de uma vez no romance, ao qual se refere também, na estrofe 161, a menção à Hortense “gâtée” (mimada), uma das filhas de uma “grosse dame” obsecada pelo casamento delas. Em sua edição atualizada de *O Guesa*, Luiza Lobo lê equivocadamente o termo “Pot-Bouille”, nas parcas notas que reserva ao “Inferno de Wall Street”. Ele ali aparece como “Pot-Bouillé” (e com esse lapso é incorporado ao texto), com o errôneo significado de “roupa suja” e ainda desacertadamente associado ao romance *L'Assomoir* (que, aliás, é de 1877 e não de 1822, como está em Lobo).



A internet já me proporcionara a decifração da enigmática palavra “sitsioei”, da Estrofe 52 do *Tatutureka*, que causava grande perplexidade ao poeta e pesquisador Erthos Albino de Souza, e que eu descobri, consultando na *web* o texto *Brasil*, de Ferdinand Dénis, da enciclopédia *L'Univers* (1837), uma das principais fontes do repertório indigenista de Sousândrade. No texto de Dénis o vocábulo *stsioei* aparece assim definido: “Os Índios de diversas partes da América o chamaram de *stsioei*, o pequeno rei das flores. Os portugueses lhe deram o nome poético de *beija-flor...*”

52

(Coro das Índias:)

—*Stsioei*, rei das flores,
Lindo Temandaré,
Ruge ruge estas asas
De brasas...
Cuidaru, cererê.

Os termos tupis estão explicados em nosso glossário. *Temandaré* ou *Tamandaré*, filho de Sumé, teria provocado o dilúvio universal. *Cuidaru*, tacape. *Cererê*, ave agourenta, ou, também, variante de *saci-pererê* (no dicionário de Couto de Magalhães, consta como *saci-cerê*, gênio dos tupis).

Quanto à indagação sistemática das referências sousandradinas, são muito bem-vindos e dignos de destaque os subsídios trazidos pelos trabalhos que vem publicando o excelente pesquisador peruano Carlos Torres-Marchal, divulgados na revista eletrônica *Eutomia*, por contribuírem decisivamente para a compreensão pontual e mais completa de vários tópicos do universo referencial de personagens, locais e eventos sousandradinos, bem como para o esclarecimento da vida do poeta e para a fixação de seus textos. Cuida o pesquisador — é preciso acentuar — da identificação, aprofundamento e correção de dados referenciais e biográficos, trabalho que, por mais útil e proficiente que seja, como o é, não envolve critérios crítico-estéticos, nos quais ele não é versado, e que em nada afetam a essência de nossa reivindicação literária de Sousândrade.

O nosso trabalho sobre a obra do poeta se iniciou com quatro longos ensaios publicados de 18 de dezembro de 1960 a 29 de janeiro de 1961, na página cultural “Invenção” do jornal *Correio Paulistano*, sob o título “Montagem: Sousândrade”, Empreendidos de uma perspectiva sincrônica e atuante pelos seus autores, e não de uma ótica diacrônico-acadêmica, analisavam detalhadamente a modernidade da linguagem e da temática da poesia de Sousândrade, até então desprezada pelo *mainstream* canônico

brasileiro, que sempre o considerou um Romântico menor. Só a partir deles é que a sua obra passou a ter uma importância disruptiva para a literatura e para a poesia — uma descoberta orientada pela poesia *in fieri*, com vistas para o presente e para o futuro.

Foram eles o embrião da RE-VISÃO DE SOUSÂNDRADE e da seletânea de sua obra, que organizamos, com ênfase no “Inferno de Wall Street” (este, editado, inclusive, em separata). O livro foi publicado sob o risco de apreensão, em plena vigência do golpe militar de 1964, e sob a franca hostilidade da maioria dos integrantes do mundo acadêmico e universitário. Fixava-se em novas bases críticas a apreciação da obra de Sousândrade, até ali objeto de crônicas ligeiras, breves menções e artigos, todos eles interessantes, mas esporádicos, limitados, e, alguns, até provincianos, embora jamais omitidos em nossa abordagem. Assim, o crítico maranhense Oswaldino Marques já mencionava a poesia sousandradina em *O Poliedro e a Rosa* (Rio de Janeiro, 1952): “Profundamente herméticos são os Sonetos de Shakespeare, a segunda parte do *Fausto* de Goethe, *O Itinerário da Alma*, do grande poeta inglês John Donne, os *Livros Proféticos* de Blake e o *Guesa*, desconcertante epopéia do estranho poeta maranhense, inteiramente esquecido, Joaquim de Sousândrade.” Porém Oswaldino não se aprofundou sobre o tema. O também maranhense Fausto Cunha, que já se debruçara sobre a colocação antinormativa de pronomes na obra de Sousândrade, mais adiante, apesar de ressaltar o caráter precursor da linguagem do poeta no breve ensaio que integrou o volume I, tomo II (1956), sobre o Romantismo, da coletânea *Literatura no Brasil*, organizada por Afrânio Coutinho, mostrava-se cheio de dúvidas e incertezas, chegando a deplorar “a carência de poemas ou trechos representativos no plano do valor poético” na obra sousandradina!!! Por fim, encorajado pelos nossos estudos, reviu a sua suspicácia crítica, reconhecendo a importância do poeta, com palavras inflamadas, no artigo “Assassinemos o Poeta” (Correio da Manhã, 12-1-1963): “Castro Alves pode ser omitido da poesia brasileira sem fazer falta. Sousândrade não, Sousândrade faz falta à poesia do mundo.”

Segundo o crítico Oliveira Bastos, foi Oswaldino quem o fez inteirar-se da poesia de Sousândrade. E foi em fins de 1959 ou começos de 1960 que Bastos me levou à Biblioteca Nacional para ver a edição nova-iorquina de *O Guesa*. Lembro-me da emoção que senti, ao abrir as suas páginas, incrédulo, quando minha vista incidiu na estranha configuração tipográfica da estrofe: *Em Sing Sing*: “Risadas de raposas bêbadas / Cantos de loucos na prisão...” Perguntei ao crítico por que ele não escrevia sobre a obra, que tanto me impressionara à primeira vista. Mas Bastos não se mostrava disposto a pesquisas mais densas, e insistiu obstinadamente em que eu e Haroldo é que deveríamos fazê-lo. Foi então

que me entusiasmei e comecei a copiar a mão os textos de Sousândrade, até conseguir, a duras penas, os microfilmes que mostrei a Haroldo com a proposta de redigirmos um ensaio sobre o tema. Não foi por outra razão que colocamos, em dedicatória expressa, no póstico da RE-VISÃO DE SOUSÂNDRADE: “A Oliveira Bastos, que nos introduziu na *selva selvaggia* sousandradina.”

A esta altura, é preciso voltar a frisar que não é pelas peculiaridades de sua vida nem pelas curiosidades de seu referencial, por mais interessantes que o sejam, que Sousândrade continua a ter relevância para nós. Sousândrade é importante porque se exprimiu em termos de uma poética inovadora e abordou novos temas, com ineditismo, muito à frente do seu tempo, tendo contribuído para a renovação da linguagem e das idéias literárias, e porque soube equacionar poeticamente, como poucos, as vivências, contradições e aspirações do seu tempo, no emergir do mundo moderno. Como obra poética, o seu “Inferno de Wall Street, em especial, não tem paralelo na literatura universal em sua época.

E se hoje a maior crítica literária americana, Marjorie Perloff, pode se referir à obra do poeta, como “Joaquim de Sousandrade’s pre-Modernist collage masterpiece *The Inferno of Wall Street*”; se Jerome Rothenberg, poeta e crítico americano, promotor da “etnopoesia”, pode mencioná-lo como “the epitome of a late experimental romanticism & a prefigurer of new poetics to come”, assim como Severo Sarduy pôde antes aludir ao “jargão moderno autenticamente revolucionário de Sousândrade” e ao “Inferno de Wall Street” como “uma explosão tipográfica em um universo em expansão pré-Poundiano”, é porque isso o foi demonstrado, ao nível literário, em trabalho fundamentado de poetas-críticos que lidavam com a matéria poética “in vivo”, e que propunham a poesia de Sousândrade como “nutrimento de impulso” para novas poéticas. Quaisquer que sejam os aspectos que interessem em Sousândrade — históricos, sociopolíticos, antropológicos, biografêmicos ou outros — que, todos eles, merecem estudos, pesquisas e aprofundamento — o que prevalece é sempre a sua importância poética. Como escreve Maiakóvski ao iniciar sua acidentada autobiografia: “é como poeta que eu sou interessante”. Cumpra não esquecer-lo.